

RESENHA*

ANICETO, Bárbara Alexandre. *Pela abstinência do falo: um estudo das esposas atenienses na comédia antiga*. Curitiba: Editora CRV, 2020. 174 p.

Nathalia Monseff Junqueira**

Pensar as comédias do grego Aristófanes para além do riso e do divertimento. Este é o propósito do livro *Pela abstinência do falo: um estudo das esposas atenienses na comédia antiga*, escrito pela historiadora Bárbara Alexandre Aniceto. Nesta obra derivada de sua Dissertação de Mestrado, e desenvolvida no Programa de Pós-graduação em História da Unesp de Franca sob a orientação da Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho, Aniceto, de forma clara e inteligível, permite aos leitores visualizar outra faceta do escritor Aristófanes, agora voltado para a educação da plateia, através das críticas pronunciadas pelas personagens femininas, a respeito dos problemas enfrentados pela *polis* ateniense nos séculos V e IV a.C.

A autora, através de um amplo debate historiográfico, aborda o tema da construção da identidade das esposas atenienses nas obras aristofânicas pela ótica da História de Gênero, propondo um novo olhar para três comédias aristofânicas: *Lisístrata* e *As Tesmoforiantes*, escritas por volta de 411 a.C.,

* Recebido em: 08/11/2022 e aceito em: 19/12/2022.

** Professora Adjunta de História Antiga e Medieval da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal. É doutora em História pelo Programa de Pós-graduação em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), (Bolsista CAPES). Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Campinas (2005) e mestrado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007). Coordena o projeto intitulado As mulheres egípcias e a construção da identidade na Antiguidade: os relatos etnográficos de Heródoto (V a.C.) e Estrabão (I a.C. – I d.C.), cadastrado no SIGPROJ-UFMS, protocolo 6CJ5M.100321 (2021-2023), financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo 102014/2022-1.

e a peça *Assembleia das Mulheres*, produzida em 392 a.C. Encenadas nas festividades intituladas Grandes Dionísias, destinadas a um público maior que acessava a *polis* logo após a primavera e Lenéias, celebradas no inverno para um público mais restrito aos atenienses, Estas obras, que compartilham a temática da consolidação da paz na Hélade, a faceta de educador da cidade do teatrólogo e o papel do feminino como vetor de críticas ou soluções para os problemas da sociedade, eram encenadas em Atenas em duas festividades dedicadas a Dionísio: as Grandes Dionísias, destinadas a um público maior que acessava a *polis* logo após a primavera e as Leneias, celebradas no inverno, o que restringia seu público aos atenienses.

Na apresentação, observa-se como a História das Mulheres foi fundamental para o desenvolvimento da História de Gênero e a elaboração de um panorama acerca destes estudos no cenário internacional e, também, no Brasil. Entretanto, a autora deixa claro que na narrativa da História das Mulheres ainda prevalece um determinismo do feminino como não-masculino, perpetuando uma passividade feminina frente ao masculino, pressuposto descartado por Aniceto. Sua proposta é justamente demonstrar o papel ocupado pelas esposas legítimas nas obras selecionadas como fontes históricas, revelando uma participação ativa das mulheres nos espaços públicos e como portadoras de críticas da maneira como os assuntos da *polis* estavam sendo conduzidos pelos homens.

No início do primeiro capítulo, “Aristófanes e o gênero cômico na Atenas Clássica”, a autora expõe algumas informações a respeito de Aristófanes e das suas comédias, demonstrando que há poucos indícios a respeito da vida desse autor. Contudo, a autora afirma que tal falta de informações não se torna um empecilho para investigar o contexto no qual as obras foram escritas e a rede de outros comediógrafos com os quais ele dialogava. Essa rede era extensa e provavelmente composta por homens e mulheres. Aniceto reitera o papel educador que Aristófanes imprimiu em suas comédias, além do divertimento, pois podemos debater as esferas sociais, políticas ou culturais nas obras. Aristófanes reproduzia, de forma caricata, modelos sociais conhecidos, como homens, mulheres e estrangeiros, servindo para alertar sobre os problemas que assolaram a *polis* ateniense durante a Guerra do Peloponeso e suas consequências nas décadas seguintes.

A importância da encenação para a compreensão do trabalho de Aristófanes também é ressaltada no livro, pois seria através do exagero na performance que a reflexão a respeito dos temas problematizados pelas peças

receberia maior atenção. Dessa forma, o teatro, espaço no qual as obras aristofônicas são encenadas, tornou-se um local de formação do cidadão, uma vez que diversos assuntos referentes à configuração da sociedade eram expostos e debatidos nas peças teatrais. Logo, o teatro funcionava como um espaço onde o público aprendia a respeito do seu sistema político. Esse é o mote do capítulo 2, intitulado “Cidade, gênero e teatro: as relações cívicas em Atenas nos séculos V e IV a.C.”, capítulo no qual a autora demonstra a relação entre a democracia, suas organizações físicas, principalmente o teatro e o olhar para o feminino de Aristófanes.

A historiadora, ao longo desse recorte, reforça a concepção de que os assuntos debatidos no enredo da peça seriam recebidos de forma diferente por cada espectador, já que a plateia é plural, composta por cidadãos, estrangeiros e mulheres. Esta plateia encontrava uma certa divisão dos assentos dentro dos teatros, que cresceram em número com a troca dos teatros de madeira pelos construídos de pedra, ampliando o espaço destinado à plateia: a *proedria*, um espaço reservado para cidadãos proeminentes ou embaixadores de outras *polis*, os assentos não reservados, acessíveis aos participantes das festividades mediante pagamento, os lugares livres de cobranças, que ficavam além das paredes dos teatros e os ingressos subsidiados para aqueles que não poderiam comprá-los, mas exclusivos para os cidadãos. A ampliação do espaço destinado ao público dentro dos teatros reforça a tese da autora de que as comédias, e aquelas escritas por Aristófanes em especial, tinham como objetivo não somente o entretenimento, mas, também, a educação dos atenienses em relação aos diversos assuntos da cidade, além de ensinamentos a respeito do seu passado e dos acontecimentos atuais da cidade.

Para entender o papel das mulheres casadas na *polis*, é necessário analisar como Aristófanes trata a cidadania e a democracia em suas peças. Este é o mote da segunda parte desse capítulo. Através da leitura das fontes selecionadas, é possível observar que o teatrólogo percebe as esposas legítimas não somente como parte da população que habita a cidade, como também inserida em uma importante engrenagem de manutenção da democracia e da *polis*. As comédias *Lisístrata*, *As Tesmoforiantes* e *Assembleia das Mulheres* não tinham somente o intuito de entreter a plateia durante as festividades, mas, a partir das pesquisas, também de debater os diversos problemas daquele momento, tornando as personagens femininas as responsáveis pelas denúncias de ingerência da cidade endereçadas aos seus administradores.

O último capítulo, “Mulheres e homens no universo da cidade ateniense”, permitiu à autora, após mapear as diversas informações levantadas nas páginas anteriores, examinar os papéis desempenhados por homens e mulheres dentro da cidade ateniense dos séculos V e IV a.C. A pesquisa das três obras selecionadas para a concepção do livro, sob a perspectiva dos estudos de gênero, possibilitou captar o modelo feminino pretendido pelo teatrólogo, alternado entre o silêncio e a reclusão, proposto por autores na Antiguidade e a possibilidade de outras vivências, como de maior espaço de manifestação e reconhecimento do seu papel na geração de filhos para a sobrevivência da *polis*. Para isso, Aniceto precisou inserir, no capítulo anterior, o papel do cidadão dentro da cidade ateniense, uma vez que a abordagem de gênero parte do pressuposto de que homens e mulheres se relacionam e constroem seus papéis sociais, culturais e políticos através dessas conexões.

Como estas relações são influenciadas pelos contextos históricos, para estudá-las é preciso ultrapassar as ideias, algumas já cristalizadas, dos grupos homogêneos, como homem e mulher. Aniceto precisou romper com a categoria uniforme de “a mulher casada”, visualizando um grupo plural e heterogêneo dentro das obras aristofânicas, o que permitia a elas um papel de destaque nas peças teatrais, principalmente de ocupação dos espaços públicos e de alerta para os graves problemas da *polis*. Assim, a autora passa a discutir, nas páginas seguintes, as percepções identitárias partilhadas por homens e mulheres, compreendendo a pluralidade desses comportamentos, principalmente das esposas legítimas.

Ao final da leitura da obra *Pela abstinência do falo: um estudo das esposas atenienses na comédia antiga*, percebemos como Aniceto transmite ao leitor o caminho traçado pelo historiador em sua pesquisa histórica, que contou com a sua dedicação e responsabilidade. As peças teatrais escritas por Aristófanes tiveram uma grande recepção na própria Antiguidade, uma vez que elas foram lidas, estudadas, interpretadas e influenciaram outros teatrólogos posteriores, ressaltando o papel de ensinar e refletir que as caracterizariam, sem desconsiderar o riso como um produto final. A escolha das obras de Aristófanes proporcionou à autora uma busca por outros espaços de atuação das esposas legítimas para além dos afazeres da casa, projetando um novo mundo para essas mulheres na Antiguidade.